

Gisela Cañamero

RAIVA

azulcobalto | teatro
2025 | 001

R A I V A

CENA I

A um canto, uma mesa, duas cadeiras, algumas caixas de papelão entreabertas mostrando louça e roupa.

Uma cadeira quase no centro da cena.

A Filha está a fumar um cigarro.

A Mãe ciranda pelo palco como estando num espaço desconhecido.

Mãe

Não a vejo...

Filha

Não vês o quê, mãe?!

Mãe

Onde está?...

Filha, visivelmente enfastiada

Onde está o quê, mãe?

Mãe

A televisão. Não vejo a televisão.

Filha

Não vês porque não há. Acabou-se a televisão.

Mãe

O teu pai?...

Quero ir para a outra casa.

Filha, sempre fumando, apontando para dentro.

Mijou-se pelas pernas abaixo à porta da casa de banho.

Mãe

Ah...

Tens de o limpar.

Filha

Não é o que faço sempre?!...

Não é o que faço sempre?!!!...

Mãe

Está na hora do programa da...

Filha

Hoje não há programa.

Mãe

Não há?...

Filha

E amanhã também não. Acabou-se.

Mãe

O programa?

Filha, incisiva

A televisão, mãezinha. A televisão.

Mãe

Vai limpar o teu pai.

Filha, rindo-se
Agora dás ordens...
Irónica
Posso acabar o cigarro?

Mãe, perdida, girando sobre si própria
E agora?

Filha, pegando num pequeno rádio e dando-lhe para as mãos, bruscamente.
E agora rezas o terço, está na hora.
Ameaçadora
Com os auscultadores! Não te esqueças dos auscultadores!

Mãe, desesperada, gritando para dentro
Ó Jorge!!!

Filha
O Jorge está borrado, mãezinha – o velho está sujo.
E olha que também não te ouve.

Arranca uma banana de um cacho e dá-a à mãe
Mete mas é uns açucares aí dentro.
Não me desgraces.

Sai fora de cena, para onde estará o pai.
A Mãe fica com a banana pendurada na mão.

CENA II

Mãe

Devia-lhe ter partido a cara, em miúda.
Agora é tarde, pois.

Põe os auscultadores nos ouvidos, e vai acompanhando a oração da missa transmitida na rádio.

*Creio em um só Deus,
Pai todo-poderoso,
Criador do céu e da terra
De todas as coisas visíveis e invisíveis.*

Claro que desde que nasceu que é isto.
Só nasceu para me provocar.
Esta mulher é a minha cruz.

*... Deus verdadeiro de Deus verdadeiro;
Gerado, não criado, consubstancial ao Pai.*

Claro que se o pai tivesse feito o que lhe disse
– desde o princípio!... um bananas!...
Porque ser só eu a dar tareias... foi pouco.

... padeceu e foi sepultado.

... foi pouco; e agora é isto.

Ressuscitou ao terceiro dia,

*conforme as Escrituras;
e subiu aos céus,*

Agora eu pergunto: se não fosse a pensão do pai,
Se não fosse a minha pensão... de que que é que esta gaja
vivia?

Para dentro
Nem para a merda do tabaco tinhas!

*... Creio no Espírito Santo.
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai e do Filho;*

É uma sonsa! A armar-se em anjinho!
Puta! Puta!

*... Creio na Igreja una, santa,
católica e apostólica.*

Devia tê-la afogado à nascença.
Como se faz aos gatos! Pia abaixo, zás!

*... E espero a ressurreição dos mortos,
e vida do mundo que há-de vir. Amén.*

Benze-se.

CENA III

A Filha aparece, vinda de fora, com um monte de papel higiénico sujo nas mãos.

Filha, enojada

Olha o que o velho fez! Olha o que o velho fez!

A Mãe agarra na banana que guardara no colo e põe-se a descascar-a demoradamente.

A Filha coloca-se à frente da Mãe, para ser vista

Filha

Mas tu ouves-me?!!! Olha a merda do velho!!! Aqui!!!

Fez a merda no chão e depois foi limpar...

Vai lá ver as paredes do corredor! Vai!

Todas borradas!

A Mãe dá uma dentada na banana

Mãe

Pois.

Agora tens de as limpar, não é?

Filha, cáustica

Não mãezinha, «não é»!... Não sei se consigo.

Aquilo fede, caralho!

Mãe

Pois. Nunca serviste pra nada.

E agora nem umas paredes consegues limpar.

*Levanta-se, com a casca de banana numa mão e o rádio na outra,
e procura o caixote de lixo.*

Infelizmente é assim.

Mas eu fiz-te para quê?

Pousa o rádio na mesa.

Não encontra o caixote de lixo.

Mas onde é que eu deito a porcaria da casca?

*Filha, em ponto de ebullição, ainda segurando o papel borrado nas
mãos*

Se calhar em cima da minha cabeça!

Mãe, dirige-se à filha, põe-lhe a casca na cabeça

Eu fiz-te. Tu deves-me.

CENA IV

A Filha vai ao caixote do lixo, e deita lá o papel e a casca da banana, visivelmente atordoada. Respira fundo para se acalmar.

Ouvem-se uns barulhos vindos dos bastidores.

Filha, correndo para o fundo do palco

Mas o que é que se passa aí? O que é que se passa...

Para!!! Estás a engasgá-lo!

Mãe, entrando em cena com um bocado de pão na mão

Eu só quero que ele se alimente.

Filha

Enfiando-lhe pão seco pelas goelas abaixo?

Mãe

Já está na hora do almoço?

Filha

Tu... tu.. tu.. não regulas!

Agora queres matar o velho?

Como ias fazendo com o cão?

Mãe

O cão... o cão... tropeçou nas minhas pernas e bateu na parede da cozinha, sabes bem.

Da outra casa, claro.

Com intenção

A que tinha televisão.

Filha, com um sorriso cínico

Nunca mais vais ver televisão na puta da tua vida, maezinha.

Toma isso como uma pena – leve! – pelo que fizeste ao Snoopy.

A Mãe começa a andar às voltas, dizendo

A minha filha bate-me, a minha filha mata-me à fome...

Gritando

A minha filha bate-me!!! A minha filha mata-me à fome!!!

Socorro!!! Socorro!!!

Batem à porta

As luzes baixam.

CENA V

Ambas, juntas, no centro da cena, de frente para o público.

A Filha agarra firmemente a Mãe pelo braço.

Filha, como se estivesse a falar com alguém em frente, com um grande sorriso, aparentando normalidade

Não, não é nada... é a minha mãe, sim...

?... Somos parecidas?... sim...

De vez em quando descontrola-se, sabe?...

É da idade...

Mãe

Da idade uma oval!...

Ó meu senhor, esta bruxa não me deixa sair, tem-me aqui presa!

Filha, dando-lhe um safanão no braço, falsamente doce

Bem sabes que não podes sair, mamã...

Para a Mãe e para a pessoa que bateu à porta (público)

Da última vez que saíste porta fora acabaste na esquadral!...

Ia sendo processada por ter abandonado os meus pais na via pública... sabe, eles não se conseguem orientar.

Dura, para a Mãe

E ainda arrastaste o pai nessa aventura!

Com um grande sorriso, para o público

E depois faz-se de coitadinha...

Mãe, trágica

Tenho fome!

Filha, para o público
Garanto-lhe que não tem.

Mãe
Tenho!...

Filha
Está na hora da medicação, mamã, não é?
Para o público
Com licença.

CENA VI

Luz de novo na cena

Filha

Estás satisfeita?

Amanhã vou ter as gajas da Assistência Social à porta.

Olha para a desarrumação

Agora vou ter de arrumar isto tudo!

Mãe, virando a caixa das bolachas

Já não há bolachas.

A Filha vai falando enquanto transforma a sala, arrumando a maior parte dos caixotes debaixo da mesa.

E quando eu te pedia uma bolacha, em miúda, e tu me davavas um sopapo?

Mãe, representando a cena

Toma lá bolacha!

A Filha, noutro local da cena, recebe a chapada

Filha

E quando me desprias para a vizinhança ver as marcas que tinhas deixado no meu corpo, mamã?

Mãe, de sorriso escancarado, de bengala na mão

Portou-se mal. É para aprender.

A Filha, com as costas nuas, curva-se, envergonhada

Filha

Mas tu nem querias que eu aprendesse, pois não?
Querias que ficasse analfabeta! Como tu!

Mãe

Nunca precisei de ler e de escrever pra me safar na vida!

Filha

Eu bem que tentei ensinar-te!

Mãe

Sabichona! Tinhás a mania!

Filha, absorta

Eu só queria que não fosses muito diferente das outras mães.

Mãe

Tu! Que não prestas pra nada!
Como se me pudesses ensinar alguma coisa!
Não precisei de saber ler e escrever para casar com o teu pai.

Filha

O teu trunfo de vida!
Agarraste-o!

Mãe

Agarrei-o pelos colhões.

Ri-se

Nunca mais o larguei.

Um bom emprego. Uma bela reforma.
Ao passo que tu...

Filha

Eu?... eu não posso sair por aquela porta sem que essa
cabeça malvada tenha alguma ideia... como fizeste ao
Snoopy!

Mãe

Ele caiu...

Filha, que continua nas arrumações, cínica

Sim, sim, caiu, caiu... tropeçou nas tuas pernas e ficou com
um olho fora da órbita e com os dentes partidos!

À bordoada, foi o que foi! Como fazias comigo! Malvada!

Noutro tom

Se há coisa que nunca me perdoarei é a de ter deixado
aquele inocente contigo!

*Mãe, que entretanto encontrou um pacote de bolachas, trincando
uma*

Reza um acto de contrição que isso passa-te.



COMPANHIA
DAS ILHAS

azulcobalto | teatro
2025 | 001

Gisela Cañamero

RAIVA

© Autora e Companhia das Ilhas

azulcobalto | teatro 056

1.ª edição FEVEREIRO de 2025

1.º tiragem FEVEREIRO de 2025

Design gráfico e paginação CAM

Capa ANA RODRIGUES

Fotografia MARTA LÁZARO (actrizes LUZIA PARAMÉS e SARA CASTANHEIRA)

Fontes

Corpo do texto Swift, corpo 10,25

Outros elementos 3rd Man ■ Georgia ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 543 453/ 25

ISBN 978-989-9154-58-2



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas.lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt